

## Senegaleses em Rio Grande-RS: diálogo intercultural no além-mar

*Senegaleses in Rio Grande-RS: intercultural dialogue in the beyond sea*

*Senegal en Río Grande-RS: diálogo intercultural en el más allá del mar*

Luciane Oliveira Lemos<sup>1</sup>

Vilmar Alves Pereira<sup>2</sup>

### Resumo

Esse estudo está associado a alguns movimentos compreensivos que estamos elaborando partindo da compreensão de que a Educação Ambiental enquanto *Educação Ambiental Transformadora* se afirma se reconhece como práxis social no sentido das possibilidades da busca de uma atuação consciente visando maior sustentabilidade da vida pelo viés crítico. Reconhecendo a presença de imigrantes Senegaleses em Rio Grande num cenário de crise do socioambiental, levantamos a seguinte questão: quais as possibilidades de além de buscarmos reconhecer sua cultura desenvolvermos perspectivas sustentáveis a partir da compreensão de mundo do trabalho que possa apontar para melhores condições desses sujeitos em nossa cidade? O estudo demonstra o grande valor cultural dessa presença em Rio Grande.

**Palavras-Chave:** Senegaleses. Rio Grande. Diálogo. Intercultural.

### Abstract

*This study is associated to some comprehensive movements that we are elaborating starting from the understanding that Environmental Education as Transforming Environmental Education asserts itself as a social praxis in the sense of the possibilities of seeking a conscious action aiming at a greater sustainability of life by the critical bias. Recognizing the presence of Senegalese immigrants in Rio Grande in a socioenvironmental crisis scenario, we raised the following question: what are the possibilities of not only seeking to recognize their culture, but also developing sustainable perspectives based on an understanding of the world of work that can point to the better conditions of these subjects in our city? The study demonstrates the great cultural value of this presence in Rio Grande.*

*Key words:* Senegalese. Big River. Dialogue. Intercultural.

### Resumen

*Este estudio está asociado a algunos movimientos comprensivos que vengo elaborando partiendo de la comprensión de que la Educación Ambiental como Educación Ambiental Transformadora se afirma se reconoce como praxis social en el sentido de las posibilidades de la búsqueda de una actuación consciente visando mayor sostenibilidad de la vida por el sesgo crítico. Reconociendo la presencia de inmigrantes senegaleses en Río Grande en un escenario de crisis socio-ambientales, planteamos la siguiente cuestión: ¿cuáles las posibilidades de que además de buscar reconocer su cultura desarrollar perspectivas sostenibles a partir de la comprensión*

<sup>1</sup> Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG- Licencianda em História pela FURG. Bolsista do Programa de Extensão Universitária – PROEXT vinculado ao Programa de Auxílio ao Ingresso aos Ensinos Técnico e Superior da FURG. Membro integrante do Grupo de Estudos Sobre Os Fundamentos da Educação Ambiental e Popular da FURG.

<sup>2</sup> Filósofo. Mestre Doutor em Educação, Educador Popular e Ambiental. Coordenador do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Professor e Pesquisador no Instituto de Educação e nos Programas de Educação (PPGEDU) e Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande- FURG. Editor Chefe da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental –REMEA. [Vilmar1972@gmail.com](mailto:Vilmar1972@gmail.com).

*del mundo del trabajo que pueda apuntar a mejores condiciones de esos sujetos en nuestra ciudad? El estudio demuestra el gran valor cultural de esa presencia en Río Grande.*

*Palabras Claves: Senegaleses. Río Grande. Diálogo. Intercultural*

## **Contextualizando a temática**

A partir dessa questão levantada acima emergiram os seguintes objetivos: compreender a presença da cultura senegalesa no Brasil em específico na cidade de Rio Grande a partir das relações de crise no sistema de produção capitalista com ênfase na relação Trabalho e Educação Ambiental; conhecer pelas suas trajetórias e as motivações de sua vinda para Rio Grande; discutir a temática de migração como temática ambiental; buscar alternativa junto a pastoral do Migrante e SMCS de geração de trabalho e renda numa perspectiva sustentável; Identificar as condições de trabalhos que se encontram em nossa cidade. Esses amplos objetivos integram um estudo que pretendo realizar posteriormente. Nesse estudo me interessa especificamente alcançar o primeiro que é alargar a compreensão da cultura senegalesa em Rio Grande.

A hipótese inicial do estudo parte da premissa que a cidade de Rio Grande reproduz a lógica do sistema de exploração nas relações de trabalho com a população de imigrantes senegaleses considerando como mão de obra barata. É necessário um projeto para além de uma perspectiva assistencialista por um lado e exploradora por outra. Nesse sentido a Educação Ambiental deve servir não só para problematizar essa relação bem como para buscar coletivamente um projeto de geração de trabalho e renda a partir da perspectiva do mundo do trabalho. Consideramos que o estudo deve ser compreendido no horizonte de uma política pública envolvendo diferentes instituições, dentre eles a própria universidade que já os utilizou com mão de obra barata e terceirizada. Essa mudança poderá ocorrer se compreendermos melhores quem são.

## **1. CONCEPÇÕES ORIENTADORAS DO ESTUDO**

### **a) Conceção de Educação Ambiental que orienta o estudo**

Importa, assim, esclarecer os pressupostos teóricos a partir do qual organizamos este trabalho, tendo em Loureiro (2004) a principal referência para conceituar o campo de atuação da Educação Ambiental. Segundo o autor, os sujeitos inseridos em uma perspectiva emancipatória de EA a compreendem como mediadora no processo de problematização da realidade e transformação dos sujeitos que dela fazem parte.

Nessa perspectiva consideramos imprescindíveis os potenciais transformadores intrínsecos na concepção de Loureiro quando afirma que:

(...) falar em *Educação Ambiental Transformadora* é afirmar a educação enquanto práxis social que contribui para o processo de construção de uma sociedade pautada por novos patamares civilizacionais e societários distintos dos quais, na qual a sustentabilidade da vida, a atuação política consciente e a construção de uma ética que afirme como ecológica sejam seu cerne (LOUREIRO, 2004, p.90)

Como decorrência de uma série de estudos esse autor realiza um movimento que o permite compreender a EA como práxis revolucionária e transformadora que se estabelece nas relações intersubjetivas a partir das diferentes escolhas e interações que realizamos no mundo e com o mundo. Dessa forma emerge o caráter emancipatório da educação ambiental. Em seu entender a práxis:

É, portanto um conceito central para a educação e, particularmente, para Educação Ambiental, uma vez que conhecer, agir e se perceber no ambiente deixa de ser um ato teórico-cognitivo e torna-se um processo que inicia nas impressões genéricas intuitivas e que se vai tornando complexo e concreto na práxis (LOUREIRO, 2004, p.130).

Superando as abordagens ecologicista preservacionista de EA Loureiro fornece subsídios para que possamos pensá-la como prática social manifestada “nos modos como vivemos em sociedade, como nos compreendemos como ser da natureza e, simultaneamente, manifesta e potencializa os questionamentos e reflexões sobre a realidade, num processo de crítica e auto-crítica, de ação política e de construção coletiva” (Idem, Ibidem, p.140).

Com isso, não estamos defendendo que a educação ambiental sozinha irá resolver todos os problemas do planeta. Acreditamos, entretanto, que ela pode ser uma possibilidade, de forma a construirmos no e com o coletivo outras formas de se viver em sociedade, com mais igualdade de oportunidades, dignidade, respeito não só a natureza, mas as relações sociais como um todo. Uma sociedade que respeite o direito a vida.

Autores como Meszaros (2009) e Antunes (2004) investem estudos em perspectivas marxistas de compreensão da sociedade, seguindo as discussões anunciadas por Marx. A partir de seus estudos, é possível avançar na compreensão de modos de compreender a crise socioambiental que se apresenta na atualidade. Ela é uma das heranças do paradigma capitalista, antropocêntrico, monopolista e predatório que se consolidou a partir das relações estabelecidas na modernidade. Essas constatações, de certo modo apontam para os limites de uma racionalidade que se instrumentalizou como portadora de sentido no cotidiano das pessoas. No entanto já não é mais possível ainda acreditarmos que esse modelo é perene e eterno, como vemos:

Tal visão é absolutamente insustentável, pois o domínio do modo de produção do capital possui apenas alguns poucos séculos na história humana, e estabelecer sua permanência absoluta requer muito mais do que as asserções, que se confundem com desejo, de seus defensores (MESZAROS, 2009, p. 605).

## **b) Concepção de Trabalho e Fenômenos Migratórios**

O campo de Educação Ambiental atenta para as constantes transformações existentes na sociedade capitalista, no sentido da existência de uma necessidade permanente de alteração desse sistema em relação aos alicerces das relações de produção. Apesar de reconhecer as urgentes necessidades sociais, o processo de reorganização da produção capitalista, em períodos de superação de uma crise econômica-financeira, acaba por produzir maiores índices de desemprego e desigualdade como, por exemplo, em relação aos desenvolvimentos geográficos desiguais. (TERRA, 2013, p.102).

Compreendemos que pensar a relação Educação Ambiental e trabalho pressupõe essa contextualização mínima sobre como acontecem às relações de trabalho no mundo capitalista globalizado. Assim assumimos como Antunes (2004) que nesse cenário globalizado as relações de trabalho passam por inúmeras mutações produzindo fenômenos novos como Com a retração do binômio taylorismo/fordismo, pelo aumento do novo proletariado fabril e de serviços, em escala mundial, presente nas diversas modalidades de trabalho precarizado, aumento significativo do trabalho feminino, que atinge mais de 40% da força de trabalho em diversos países avançados, exclusão de jovens, de adultos uma crescente expansão do trabalho no chamado “Terceiro Setor” e a é a da expansão do trabalho em domicílio, permitida pela desconcentração do processo produtivo, pela expansão de pequenas e médias unidades produtivas. Essas mutações promovem movimentos com repercussões globais. Para nosso projeto de estudo discutir os fenômenos migratórios dos imigrantes senegaleses e sua relação com o trabalho é imprescindível que compreendamos que:

Esse processo de mundialização produtiva desenvolve uma classe trabalhadora que mescla sua dimensão local, regional, nacional com a esfera internacional. Assim como o capital se transnacionalizou, há um complexo processo de ampliação das fronteiras no interior do mundo do trabalho. Assim como o capital dispõe de seus organismos internacionais, a ação dos trabalhadores deve ser cada vez mais internacionalizada. (ANTUNES, 2004, p.341).

A decorrente exclusão de seres humanos como consequência dessas relações produtivas que colocam o capital e o lucro acima das dimensões da vida

Muitas manifestações de revolta contra os estranhamentos ocorreram entre aqueles que foram expulsos do mundo do trabalho e, conseqüentemente, impedidos de ter uma vida dotada de algum sentido. A desumanização segregadora leva ao

isolamento individual, às formas de criminalidade, à formação de guetos de setores excluídos, até as formas mais ousadas de explosão social que, entretanto, não podem ser vistas meramente em termos de coesão social da sociedade como tal, isoladas das contradições da forma de produção capitalista (que é produção de valor e de mais-valor). (ANTUNES, 2004, p.349).

Atrelado a essas mudanças no mundo das relações de trabalho que são pautadas na lógica do mercado de trabalho e não do mundo do trabalho, pois o mercado de trabalho manifesta essa perspectiva de encolhimento das garantias essenciais para que as pessoas possam viver com dignidade os fenômenos migratórios chamam atenção em todo o mundo. De certa forma modificam cenários, continentes, países e cidades pela força cada vez maior como vem se expandindo. Segundo dados da ONU esse número já ultrapassou os 230 milhões em 2013. Há também um fenômeno novo em escala mundial, pois 95% serem mulheres pois 1/3 das migrações internacionais são familiares<sup>3</sup>.

No caso brasileiro os dados da polícia federal indicam um crescimento de mais de 160% apenas nos últimos 10 anos, pois passamos de 45.124 em 2006 para 117.745 em 2015. Sendo o *mercado de trabalho* a centralidade e o termômetro para analisarmos esse movimento. O motivo principal desse crescimento segundo os analistas é que houve nessa última década uma maior projeção internacional do Brasil.

Convém reforçar o fato de que o imigrante é, por excelência, um sujeito de e para o trabalho. O sentido de sua mobilidade geográfica se fundamenta nisso. Sem trabalho ou estando desempregado, o imigrante perde seu sentido de ser. O imigrante é visto nesse mercado de trabalho como força de trabalho “disposto a tudo; esse “disposto a tudo” pode significar trabalhar em turno noturno, em turnos extensivos, em trabalhos com grande aplicação de mão de obra, em espaços “que os daqui não querem mais”.

O imigrante sempre foi visto como um trabalhador dependente, que se vincula no mercado de trabalho remunerado, contratado por alguém, num espaço de baixa qualificação. Ele é visto, concebido e projetado para ser, acima de tudo, força de trabalho não autônoma, como dependente, alguém que tem de trabalhar para outro alguém e tornar o trabalho otimizador para quem emprega. No caso de senegaleses na região, um empresário afirmou que “a vontade de realizar o desejo de ganhar dinheiro supera barreiras”. (TEDESCO e GRZYBOVSKI, 2013, p.321).

A migração movimenta o desejo de ganhar dinheiro e o migrante a procura com todas as forças possíveis, sujeitando-se, muitas vezes, a um cenário oposto do projetado para si no

---

<sup>3</sup> Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP). **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n. 3 (24), 2011 (introdução) . Lisboa.

futuro; em geral, com características de exploração, condições precárias de vida, lazer e sociabilidade, discriminação, ausência de reconhecimento humano, social e cultural.

Em alguns casos, a busca de mão de obra é priorizada pela necessidade que o trabalhador tem de aceitar as condições postas de trabalho.

Até o ano de 2015, os haitianos lideraram o ranking foram (14.535) seguido pelos bolivianos também mantiveram a posição de 2014 para 2015: o segundo lugar (8.407) seguidos pelos colombianos (7.653), argentinos (6.147), chineses (5.798), portugueses (4.861) paraguaios (4.841) e norte-americanos (4.747).<sup>4</sup>

Uma das novas faces desse fenômeno migratório e que é a principal razão desse trabalho é buscar compreender melhor a presença e a cultura senegalesa no Brasil em específico na cidade de Rio Grande. Ingressam no Brasil, a rota principal se inicia no Equador porque lá não é exigido passaporte, visto ou autorização para circular pelo país. Depois, eles seguem para o Paraguai, Argentina e finalmente o Rio Grande do Sul.

## 2. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

As histórias orais também oferecem um rico recurso para se explorar a dinâmica intergeracional da migração. Rina Benmayor e Andor Skotnes declararam em 1995 que “a maneira pela qual as famílias desenvolvem e alteram as tradições e identidades migratórias transgeracionais é, sem dúvida, uma direção frutífera para a pesquisa futura”. Por outro lado, o testemunho pessoal pode mostrar como os padrões de migração são repetidos e se desenvolvem de uma geração para outra. (THOMSON, 2002, p.347)

Utilizamos como metodologia da história oral a partir da narrativa dialógica entre entrevistador e entrevistado. O material produzido possibilitará analisar as representações da fala do depoente e seus silêncios. Para Delgado “Ao se gravar um depoimento de história de vida ou mesmo uma entrevista temática, o pesquisador está, de forma deliberada, inscrevendo-se no processo de registro do passado e de produção de documentos sobre ele” (2010, p.62).

Consideramos que essa perspectiva possibilita pela escuta atenta das narrativas a emergência de concepções que sempre estiveram presentes, mas que foram sufocadas ou ignoradas nas relações que estabelecemos no e com o sistema. Acreditamos que essa perspectiva metodológica e epistemológica, sem dúvida irá contribuir na emergência do novo na temática aqui investigada.

---

<sup>4</sup> <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>

Nessa etapa estaremos apresentando os registros que foram realizados no segundo semestre de 2016 resultados das entrevistas através da história oral. Esse momento seguinte na discussão das temáticas principais que emergiram das entrevistas bem como possíveis propostas de intervenção. A partir desse locus será possível fazer uma melhor aproximação bem como melhor compreensão da categoria ambiental enquanto dimensão política e suas relações no cotidiano com os sujeitos de nossa pesquisa.

### 3. ALGUNS RESULTADOS PRELIMINARES

Se o caminho se faz caminhando como afirma Paulo Freire procedemos no estudo da seguinte forma: Realizamos com quatro encontros com o grupo.

#### 1º Encontro: em busca de sentido

Agendamos um primeiro contato com a Irmã (religiosa) que coordena a Pastoral do imigrante. Esse encontro ocorreu no dia 03 de novembro 10 hs na sede da Pastoral do Imigrante no prédio da Mitra Diocesana do Rio Grande na rua 24 de maio número 532.

Para esse dia o contato com os imigrantes se deu através da irmã. Nossa expectativa era que encontrássemos um grande grupo. No entanto, quando lá chegamos, não havia nenhum. Lembro que a irmã inclusive insistiu por telefone e apenas um informou estar saindo de casa. Pensamos numa compreensão prévia haver desinteresse. No entanto estávamos ignorando uma série de fatores dentre eles o horário e a condição de trabalhadores que não conseguem ter tempo disponível no meio da manhã para uma reunião.

Até que esse integrante chegasse a irmã nos passou a sua percepção sobre quem são esses imigrantes:

- Extremamente nômades com interesse focado exclusivamente para o trabalho e aquisição de recurso material;
- Deixou compreendermos que não teriam muito interesse em interagir com a comunidade e com atividades formativas uma vez que seu foco é trabalho e recurso monetário;
- Também ressaltou que o país não tem acesso ao desenvolvimento.

Foi nesse dia, quase no final do encontro, que conheci o primeiro sujeito de 28 anos e pai de três filhos, que em conversa bastante proveitosa narrou sobre seu percurso de vida até sua chegada aqui. Destacou a estrutura familiar que em geral é composta por diversos integrantes sendo que normalmente um deles se prepara para sair pelo mundo em busca de fontes de rendas voltadas para a família que ficou em Senegal. Destacou que dada a



necessidade de trabalho tem pouco tempo para interações com a comunidade. Para o Senegalês é normal ter mais que um trabalho. Mesmo os que possuem emprego fixo também trabalham com vendedores ambulantes em qualquer horário de folga. Ser vendedor ambulante faz parte da sua vocação.

No entanto houve outros elementos que nos despertaram atenção nessa conversa. Aladin destacou aspectos sobre a forma como vivem e compartilham tudo, desde o alimento que é partilhado coletivamente em um único recipiente onde o alimento é consumido com as mãos. Mas o mais importante desse dia é que seus brilharam quando o assunto foi religião. Em sua fala trouxe valores marcantes em sua religião sendo que a maioria são muçulmanos. Conforme ele para o senegalês “a religião conduz a vida”. Pelo que percebi nesse dia a orientação moral desses imigrantes se dá pela religião. Também destacou a importância e a necessidade mesquitas serem construídas em outros países.

Quanto a pluralidade cultural e lingüística afirmou que falam inúmeras línguas pela existência de muitos dialetos. No entanto destacou que a principal utilizada é a *wolof*. Destacou que entre as festas mais importantes é a de a *Grand Magal Touba* onde reúne milhares de muçulmanos em todo o mundo. A celebração em homenagem ao fundador da cidade santa de Touba.

Quanto ao trabalho destacou que Rio Grande é uma cidade mais acolhedora e de que desejava sim um emprego formal, pois na ocasião estava desempregado e que quando aqui chegou trabalhou seis meses na empresa Torquato Pontes Pescados AS e que recebia inclusive alojamento. Demonstrou interesse em cursos preparatórios para o mercado de trabalho.

O encontro foi muito profícuo. Após a conversa tive a impressão de que haviam outros elementos culturais para além da mera necessidade de ganhar dinheiro. E a relevância que a religião assume em sua vida inclusive na formação cultural educacional e na aceitação de algumas condições de trabalho.

Importante ressaltar que ao se referir ao seu país destacou coisas boas como, por exemplo, espírito coletivo e atitudes solidárias e também a importância da educação. Com orgulho nos contou sobre a existência de cinco universidades e de que entre eles vários já possuem formação inclusive superior. No entanto há um demanda técnica preparatória para mercado de trabalho. Saímos nesse dia com agenda para encontro posterior em 17 de novembro com horário mais adequado a condição de trabalhadores. Nesse caso as 20hs. O local desse encontro por sugestão deles foi ser no lugar onde um grande grupo mora na rua



Francisco Marques 442. Esse encontro não ocorreu pois no dia houve um temporal com muita chuva e juntamente com a irmã decidimos cancelar remarcando para o dia 01 de dezembro.

## 2º Encontro: A escuta e contexto de moradia

Na data marcada fomos recebidos por mais três integrantes da comunidade senegalesa em Rio Grande. Nosso objetivo principal era estabelecer conexões e falar do projeto *PAIETS IMIGRANTE: diálogo intercultural*. Foi um encontro marcado por um diálogo muito instigante e politizado. Nesse dia nos apresentaram as acomodações da casa onde viviam em torno de 50 pessoas e fundamentalmente nos apresentaram concepções e significados sobre quem são eles. Nesse encontro emergiram percepção sobre globalização, condições de emprego e como alternativa diferenciada discorreram sobre coletividade, solidariedade ajuda mutua (sendo que onde chega um senegalês recebe acolhida de todo o grupo inclusive material até que possa encontrar trabalho). Também demonstraram que enviam recursos para uma organização que forma uma rede de ajuda mutua. Inclusive nosso encontro se deu no centro de contato deles com o mundo (denominado Tele Centro). Também destacaram que sua conduta está associada a uma idéia de responsabilidade coletiva pois onde está presente um senegalês ali está presente Senegal. O intuito maior moralmente de cada senegalês segundo eles é não envergonhar seu país, por isso, seus hábitos alimentares e o não uso de bebidas e cigarros também está associado tanto com a religião quanto com a responsabilidade moral coletiva.

Outro aspecto muito relevante que apareceu nesse encontro foi a demanda e as claras intenções desse grupo em encontrar um espaço para demonstração das suas raízes culturais. Sugeriram a criação de um grupo de teatro com apresentações artísticas bem como outras formas. Aproveitando essas intenções reforçamos o intento do nosso Projeto via PAIETS de criar esse espaço como um grupo focal de aprendizagens coletivas e interculturais.

Esse encontro finalizou com a percepção deles em relação ao Brasil, no qual destacaram não entender como o brasileiro sabe pouquíssimo sobre o Senegal. Nos programas de televisão não encontraram nada que remetesse ao seu país de origem, inclusive criticaram a programação da brasileira por não ter em sua grade programas cultural, como documentários. Já na saída ouvimos uma espécie de um mantra. E aí fomos convidados a presenciar uma expressão religiosa. Eram em torno de 8 pessoas ajoelhadas no tapete com forte vibração ininterrupta. Ritual muito forte realizado coletivamente no lugar onde moram. Sai com a sensação de uma noite com muitos aprendizados. Já sentindo a validade desse ato de aprendizados com os outros, como afirma Paulo Freire todos os sujeitos possuem saberes e

nós riograndinos temos muito que aprender para além da compreensão de que ali na praça ou na praia, num posto de combustível ou numa obra tem apenas um vendedor ambulante ou um mero trabalhador. São sujeitos carregados de cultura e de histórias de vida.

### **3º Encontro: um convite surpresa**

Uma semana após essa reunião recebi inesperadamente o convite para participar com minha família de uma celebração religiosa que ocorreria no dia 11 de dezembro às 19hs. Ao fazer o convite pelo aplicativo *whatsapp* poucos detalhes foram dados. Talvez fosse aí que reservaria a maior surpresa.

No dia e horário combinado estávamos no local CRECHE E CASA DA Criança Mansão da Paz na Rua Almirante Barroso, 365 - Getúlio Vargas - Rio Grande-RS. Desde a chegada pela acolhida que tivemos o sentimento de surpresa começa a ser mudado pelo de admiração. Admiração pela organização e pelo trabalho coletivo todos num clima que combinava organização com afetividade. Quando subimos ao segundo andar, no salão principal avistamos inúmeros senegaleses eram mais de 100 (cem) alguns sentados ao redor de mesas e muitos sobre o tapete ajoelhados ou sentados sobre os pés, ora com movimentos ora em círculos. Desde as 19 horas quando lá chegamos até a meia noite e 15 as orações foram ininterruptas. Alguns não saíram do círculo durante essas cinco horas e quinze minutos. Uns estavam responsável pela cozinha, outros apenas por servir água e refrigerantes, outros pelas comidas típicas, que por sinal muito deliciosas. Fomos servidos nesse intervalo três vezes. Uma primeira com uma espécie de mingau com leite com farinha de milho. Umas duas horas a pós a refeição principal com saladas, legumes, uma generosa porção de carne e molhe de cebola com pimenta. E como sobremesas serviram frutas, maçãs, uvas, banana todas muito limpas e frescas.

Nessas horas que lá ficamos para cada mesa e família que chegava havia uma espécie de acompanhamento por um dos integrantes. Havia conversa entre os participantes da mesa. Mas não havia ruídos. Mesmo em diálogo e conversas seguidamente as pessoas silenciavam conforme a oração realizada. Um deles nos acompanhou e nos falou muito sobre como eles concebem Deus. Deus para eles está em cada um de nós. Mas reconhece que conforme o esforço do grupo cada um pode atingir o seu maior contato com Deus e segundo ele um daquele grupo atinge e por isso é necessário o esforço coletivo pra se alcançar essa transcendência.

Após o jantar chamaram alguns convidados que lá estavam para que fizessem uso da palavra. A maioria agradeceu a acolhida e se colocaram a disposição para atividades conjuntas.

Por volta das 23:15 aqueles líderes que ali estavam em oração e que se revezavam em puxar as prece sentaram alguns a mesa e o líder maior (uma espécie de sacerdote) começou a oratória em língua nativa durante uma hora reforçando princípios morais e trazendo narrativas. Lá descobri que o alcorão é muito semelhante a bíblia em algumas passagens pois por vezes os personagens se assemelham.

Quando de nossa saída a cada visitante foi presenteado com frutos e refrigerantes que sobraram. Tentamos recusar, mas insistiram como forma de que as pessoas fossem bem tratadas. Foi uma noite de grandes aprendizagens e de ampliação de respeito por esses sujeitos com cultura muito rica. Nos trouxeram até o carro e partiram felizes para seus aposentos.

Confesso que esse dia para mim foi carregado de reflexões admiração e respeito. Isso me despertou pela necessidade de maior escuta e foi o que fizemos em seguida.

#### **4º Encontro: narrativas ao redor de uma mesa**

Tendo recebido tamanha acolhida e sentindo a necessidade de reforçar laços e escutas com esses sujeitos resolvi convidá-los de modo informal para que na semana posterior no próximo domingo 18 (dezoito) de dezembro nos encontrarmos em nossa casa para um diálogo mais profundo. Por volta das 10:30hs chegaram e enquanto o esposo preparava o churrasco os cinco sujeitos mais a religiosa começamos a conversa. Organizamos essa conversa por temáticas geradoras a primeira focada no pertencimento e trajetória de vida.

Quanto ao pertencimento os senegaleses narraram um pouco de seus percursos desde a saída de seu país. O primeiro sujeito de 29 anos, saiu a um ano e seis meses de Kaolak, deixou família numerosa de pai com duas esposas e onze filho. Chegando ao Brasil desembarcou na cidade de São Paulo ficando apenas dois meses, para seguir viagem com destino a Rio Grande onde possuía contatos de seus conterrâneos.

O segundo jovem de 28 anos, da capital de Dakar (Senegal), com família de pai e mãe e mais treze irmãos foi o único até agora a sair de seu país. Chegou em território brasileiro pelo Acre, capital Rio Branco, após prosseguiu seu itinerário passando pela cidade de São Paulo (SP), Marechal Rondon (Paraná), Porto Alegre (RS) e atualmente residindo em Rio Grande(RS) a três anos.

O terceiro, de 27 anos, também de Dakar (Senegal), assim com Bayer , também chegou via Rio Branco (Acre), mas foi direto para a região sul do Brasil, primeiro em Caxias

do Sul (RS) e depois Rio Grande (RS), onde permanece a dois anos. Este de família de 9 irmãos mais pai e mãe, não é o primeiro a sair de casa para tentar a vida em outro país, possui dois irmãos na Bélgica e tinha uma irmã na França, que integrava uma congregação religiosa, mas que veio a falecer a um ano. A curiosidade é que esse entre o grupo é o único que não segue o islamismo, sua escolha foi a religião católica.

Apresentada a única mulher do grupo, casada com o primeiro sujeito, nasceu em Dakar (Senegal), numa família de 25 irmãos, de pai e mais quatro esposas. Assim como Ernest, também possui irmãos residindo em outros países, um no Canadá, outro na Itália e o terceiro no Brasil. Seu trajeto contemplou Rio Branco (Acre), Caxias do Sul (RS), finalizando em Rio Grande, onde se encontra a dois anos e seis meses.

O Casal é de Dakar (Senegal), onde possui família com nove irmãos, mais pai e mãe. Seu percurso até chegar em Rio Grande passou primeiro por Fortaleza (Ceará), São Paulo (SP), Caxias do Sul (RS), Florianópolis, Tubarão e Irajá (SC), para por último chegar ao Rio Grande do Sul, primeiro na capital Porto Alegre e depois interior, cidade do Rio Grande, onde esta a três anos.

Com exceção do casal, os três primeiros convivem juntos na mesma casa com outros compatriotas senegaleses. Apesar de estarem longe de seus familiares, o objetivo principal é de trabalharem por eles, enviando a maioria dos recursos que advêm de suas atividades.

Ao lembrarem um pouco suas caminhadas por diversos lugares, a cidade do Rio Grande é vista como acolhedora quando comparada a outras cidades onde a desigualdade se fez mais presente, tanto no tratamento quanto nas oportunidades. Sofreram em diversos lugares a antipatia e atitudes veladas de racismo.

O senegalês citado no primeiro encontro e também primeiro contato que tive com esses sujeitos, atualmente esta desempregado, depois de ter trabalhado durante seis meses numa fábrica de pescados onde recebeu moradia. Recebe o auxílio da irmã que o indica para novas oportunidades de trabalho, que geralmente são para serviços temporários e gerais. Nesse mesmo dia ele recebeu uma indicação para serviço geral em uma escola particular.

Entre as diversas atividades praticadas pelo grupo a maioria atua no mercado informal, como ambulantes onde comercializam mercadorias encontradas também no conhecido comércio dos camelôs.

### **a) Religiosidade**

Como já afirmamos a religião consiste num elemento fundamental para o senegalês como pode ser vista na expressão de um deles, “A religião nos conduz a vida”, a temática

religiosidade foi lançada ao grupo, que de modo geral mostrou a convicção dessa afirmativa. Em cada fala eram demonstradas a segurança e naturalidade intrínseca em suas vidas, do mais desinibido ao mais tímido, as declarações e expressões traduziam uma educação oriunda de casa e levada para qualquer tempo e lugar.

Em relação a mesma temática para um segundo integrante do grupo “quando nasce um bebê inicia sua vida religiosa”, não há transposição mais legítima que indique o quanto é precioso e importante para a família a religião, como ato educativo ao mais novo membro. Segundo ele, no período inicial entre cinco e seis anos de idade, “quando a criança começa a ter consciência sobre si, cabe aos pais durante a convivência repassar seus valores através de exemplos, como não beber, não fumar, não usar de palavras de baixo calão, não brigarem/discutirem e não se beijarem na frente dos filhos”, demonstrando a eles uma base ética a ser seguida pela prática aplicada”. Conforme afirmaram no Senegal antes da escolarização vem o estudo da religião, passados de modo lúdico com narrativas de contadores de histórias entre os familiares e estímulos para induzir a prática da oração.

Quanto a forma que a religião vai sendo internalizada em sua dimensão cultural e em seu mundo da vida nos disseram que são educados para que aos doze anos de idade já é preciso ter a prática de rezar, de conjugarem no dia a dia a oração. O esposo reforçou essa perspectiva dizendo que “se torna sagrada essa rotina, mantendo a disciplina do estudo da religião juntamente com a da oração”. Assim não aceitam outra atitude do filho, passando a ser obrigatório seguir essa conduta. A desobediência é levada com severidade podendo chegar a atitudes mais agressivas dos pais.

Esse desenvolvimento religioso pode também ser percebido na maior idade, dezoito anos, quando a família não é mais responsável pela sua formação, ele já deve saber o que é certo e errado e esta apto em manter tudo que aprendeu e a levar toda a base moral e valores familiares para onde for. O que internalizou e naturalizou como conduta em suas práticas, de orar cinco vezes por dia porque não há hora nem lugar, exercendo sua fé no profeta Moamed, jejuar uma vez por ano, ir a Meca uma vez na vida. No que diz respeito sobre orar cinco vezes ao dia, um deles comenta que no Brasil é muito diferente essa prática, enquanto que no Senegal sempre tem local para a oração, inclusive é permitido parar e orar em local de trabalho, não encontra essa liberdade por aqui, “o patrão não entende”.

Para o único católico presente no grupo, talvez seja uma exceção entre os senegaleses que estão por Rio Grande. Para ele foi uma questão de escolha pessoal realizada com liberdade. Reforçando o respeito entre muçulmanos e católicos nos contou que o primeiro presidente de Senegal, Léopoldo Sédar Senghor, era católico e que havia dois líderes

muçulmanos que o ajudava, pessoas a quem ele escutava durante o seu governo. Segundo ele, não há grande diferença entre a bíblia e o alcorão, não há grande diferença entre muçulmanos e católicos no sentido moral sobre o que acreditam. Nesse ponto a irmã se pronuncia dizendo que “todos os profetas levam a Deus”. E, complementa ainda, “e onde estiver uma ou mais pessoas reunidas, ali estará Jesus”.

Para o grupo a religião é a contemplação da felicidade, a religião os torna felizes. o grupo faz questão de ressaltar que é essa distinção de pensamento que diferencia o muçulmano do Senegal dos demais pelo mundo. Seu país não é rico economicamente, mas sentem-se ricos pelos valores que trazem, pela importância que dão ao que realmente vale na vida. Por isso assumem que a paz é a bandeira que carregam. Nesse sentido, o esposo argumenta com certo impulso que “os americanos reproduzem a imagem do muçulmano violento para terem o direito a exploração do petróleo, que 70% do controle é norte americano”.

Prosseguindo o diálogo, a questão sugerida para o grupo foi como a religião contribui quando se trata da saudade da família que esta longe? Um deles afirma que o cuidado é feito a distância, para saberem como estão fazem uso da tecnologia, na casa onde residem com mais pessoas existe uma sala com móveis antigos e doados onde possuem um computador e um tipo de radio transmissor onde é feita a comunicação com os familiares. Em geral demonstram através da religião como orientadora de suas condutas serem muitos resignados. Este aspecto estarei investigando num outro momento na relação de aceitação das condições de trabalho.

#### **b) Constituição familiar e gênero**

Esse aspecto é um tanto polêmico e envolve vários elementos culturais. Talvez seja mais polêmico para nós ocidentais com as nossas dificuldades compreensivas. Normalmente a questão que emerge é sobre a possibilidade de um homem poder ter mais que uma mulher. Quando perguntado isso a eles percebemos que entre eles sentiram a necessidade de conversarem entre eles em seu dialeto. Havia percebido por ocasião da festa que as mulheres ficaram mais reservadas as atividades da cozinha. Também já sabia sobre a participação das mulheres nas orações coletivas. Percebemos que o homem participa de mais atividades de que as mulheres mas vamos as escutas:

Após a conversa sobre a constituição familiar em seu dialeto percebemos uma tendência na explicação de naturalizar como normal a possibilidade de um homem ter várias mulheres. Nesse sentido o esposo explica: “também não é bem assim...nem todos os homens possuem várias mulheres! Para ter mais que uma mulher é necessário ter condições de poder

sustentá-las igualmente”. Afirmar ainda que “tudo isso é legalizado e por isso não consideram como amantes”. Nesse momento me atrevi a perguntar para a única integrante do grupo presente: como ela percebe essa questão pois percebi que quando da resposta ficou um tanto em discordância, até por que a resposta havia sido dada por seu companheiro. Ela nos explicou que “nem sempre as coisas são como parecem... as mulheres aceitam por que faz parte da condição daquele lugar...também afirmou que nunca são consultadas e que a “harmonia” que ocorre entre eles nem sempre está em conformidade, mas que acabam por aceitar como única condição imposta e respaldada legalmente”.

Prosseguindo o diálogo perguntamos como ocorre essa aproximação uma vez que consideram não haver traição. A explicação foi a seguinte dada pelo marido: “o homem se aproxima da família da “futura” esposa com pouco contato no sentido de aos poucos firmar o compromisso”. Essa aproximação não é dialogada com a atual ou atuais companheiras pois isso não teria aceitação como já frisamos.

Segundo eles na formação cultural e religiosa a mulher desde pequena é preparada para isso no sentido de aceitação. Há um direito maior do homem, pois no caso dele escolher uma mulher de outra religião ele tem a possibilidade e direito de escolher em qual religião permanecer. Já a mulher muçulmana senegalesa não possui o direito de mudar de religião por isso deve se casar com homens apenas muçulmanos.

Também foi exposto que a mulher quando menstruada e quando tem bebe não pode participar das cerimônias religiosas e nem fazer jejum por ser considerada impura. Essa questão da impureza está relacionada também as práticas sexuais. Pois consideram que para uma prática religiosa é necessários estar puro de mente e de corpo físico. Nesse caso não se vai a uma mesquita após uma relação sexual e que não se teve banho propício para ir ao local. Ressaltam que esse banho é especial para criar um estado espiritual adequado para oração.

Um contraponto a essa perspectiva que em nossa cultura ter o olhar estreito vinculado estritamente ao machismo, percebi que devido a religião também há uma espécie de encantamento e admiração pela figura feminina. Isso aparece desde o respeito que consideram fundamental por não olhar duas vezes para uma mulher...e nem olhar para o corpo dela com desejo. Segundo eles a mulher é sagrada, pois pode procriar com o dom da fertilidade... além disso deve ser cuidada e respeitada em todos os momentos.

O relógio já marcava 16 horas entre almoço conversas e risadas encerramos esse encontro com o compromisso de retornar as atividades após o período de férias.



Após esse momento convidamos os senegaleses para participarem de uma ação em que pudessem apresentar para um grande público sua cultura. A construção dessa participação no contexto do Fórum foi permeada por muitos encontros, aprendizagens e contatos.

No contexto do Fórum o que vivenciamos foi algo muito especial. Participaram em todos os momentos culturais, mesa de abertura e sala de escutatória. Em geral ficou reforçado o quanto a dimensão cultural é forte nesses irmãos e irmãs estabelecem conosco aqui em Rio Grande um verdadeiro diálogo intercultural.

#### **4. INCONCLUSÕES: O QUE APRENDEMOS ATÉ AQUI COM OS SENEGALESES EM RIO GRANDE**

Mesmo sendo uma atividade de pesquisa que ainda estamos vivenciando, até aqui percebemos o quanto a partir do conceito de Educação Ambiental Transformadora quem são esses sujeitos, e quais dimensões de suas vidas contribuem para compreendermos a sua presença em nossa cidade.

O estudo permite demonstrar alguns achados que transvaloram o que tínhamos como percepções prévias:

- Os senegaleses são muito mais que meros vendedores ambulantes;
- É necessário que a comunidade passe a conhecer melhor sua cultura;
- A universidade e a prefeitura em conjunto com a pastoral do imigrante têm esse dever de propiciar além formação espaços de expressão cultural desses sujeitos;
- Para o senegalês a religião muçulmana assume a dimensão fundamental em sua vida;
- A maioria deles considera Rio Grande uma cidade acolhedora;
- A necessidade de trabalho associada a religião (resignação) faz com que aceitem trabalhos em condições de exploração;
- Trata-se de uma população com grande consciência coletiva e grande senso de solidariedade;
- Todos os que aqui estão tem o compromisso de enviar recursos para seus familiares;
- As questões de gênero ainda que tentem naturalizá-las não são bem resolvidas no cotidiano;
- É um povo que tem uma forte conduta moral com bastante disciplina.

A metodologia de história oral contribuiu de modo bastante profícuo para as escutas no sentido do alargamento da compreensão sobre quem são esses sujeitos.

As leituras que fiz apontam para outro dado fundamental. A maioria dos estudos apenas descreve suas condições de trabalhos sem, no entanto destacar suas dimensões culturais.

Cabe reforçar o quanto foi e está sendo até aqui significativa essas aprendizagens. Também fica claro a grande contribuição que essa cultura possui para nossa atuação futura na Educação Popular. De certa maneira é possível reafirmar que Paulo Freire revive em suas práticas.

### Referências

ANTUNES, R; ALVES, G. **As Mutações no Mundo do Trabalho na Era da Mundialização do Capital**. Educação & Sociedade, vol. 25, núm. 87, mayo-agosto, 2004, pp. 335-351 Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas, Brasil.

ARROYO, M. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DELGADO, L. de A. N. **História Oral- memória, tempo e identidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

GIROUX, H & M, P. **Escrevendo das margens: geografia de identidade, pedagogia e poder**. IN: Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio. Trad. Márcia Moraes e Roberto Cataldo. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GONCALVES, L. D.; MACHADO, C. RS . **Marx e a Educação: trabalho, natureza e conflitos**. 1. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

LOUREIRO, C. F. B; **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MEIHY, J. C. S. B e HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, C. T. de. **Narrativas e imagens sobre as águas: Educação Ambiental, Memória e imaginário na Pesca Artesanal - um encontro com contadores de histórias**. PPGEA FURG, 2013 (Tese de doutorado).

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2007, vol.12, n.34, pp.152-165.

SATO, M; C, I. M. Cristina. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

TEDESCO, J. C; GRZYBOVSKI, D. **Dinâmica migratória dos senegaleses no norte do Rio Grande do Sul.** Revista Brasileira de Estudos de População (Impresso), v. 30, p. 317-324, 2013.

THOMSON, A. **Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração.** Rev. Bras. Hist. [online]. 2002, vol.22, n.44, pp.341-364. ISSN 0102-0188.